

XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII ENANCIB 2012

GT 10: Informação e Memória

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA E REDE HUMANA DE RELAÇÕES: estudo sobre redes de sociabilidade no arquivo fotográfico de José Simeão Leal

Modalidade de apresentação: Comunicação Oral

Kelly Cristiane Queiroz Barros – UFPB

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira – UFPB

kellybarros.pb@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo estudar as informações imagéticas contidas no conjunto de fotografias pertencentes ao arquivo privado pessoal de José Simeão Leal e, a partir delas, refazer as redes de sociabilidade nas quais esse editor público paraibano estava inserido. Buscou-se refletir sobre a importância das informações imagéticas na contemporaneidade e na construção de memórias, compreendendo o registro fotográfico como suporte de memórias, vestígio das inúmeras redes de sociabilidade mantidas pelos indivíduos e como signo indiciário de acordo com a semiótica peirceana. Tivemos como referência sobre memória, entre outros, Paul Ricoeur (2007); sobre informação imagética buscamos as considerações de Jacques Aumont (2010); sobre redes de sociabilidades tivemos como conceito estruturante a noção de “teia humana de relações”, como proposto por Norbert Elias; sobre fotografia dialogamos, entre outros, com Phillipe Dubois (2010), autor que faz a conexão com a semiótica de Charles Sanders Peirce (1977), filósofo ao qual nos reportamos. Como resultado, nosso trabalho se propôs e realizou a representação das redes de sociabilidade através de Sociograma de matriz, além da representação documentária do material pesquisado, como proposto pela Ciência da Informação, partindo em seguida para a pesquisa documental e mapeamento das configurações formadas, conceito utilizado por Norbert Elias (1994) e representadas no registro fotográfico.

Palavras-Chaves: informação imagética; fotografias; representação da informação; José Simeão Leal.

ABSTRACTS

This research aimed to study the imagery information contained in the set of photographs belonging to the private archive of José Simeão Leal and, from them, rewrite the sociability networks in which the editor was inserted. We had reflect on the importance of imagery information in the construction of memories, realizing the photography as support of memories, as traces of many social networks maintained by individuals and as a indiciary sign according to semiotics of Peirce. Our work proposes to make the documentary representation of the material searched, as proposed by the Information Science, after all, occurred the documentary research and mapping of the configurations formed (concept used by Norbert Elias) and represented in the photographs. We had as reference on memory, among others, Paul Ricoeur (2007); on imagery information we use the considerations of Jacques Aumont (2010); on sociability networks we had the structural notion of “web of human relationships”, as proposed by Norbert Elias; dialogued about photography, among other with Phillipe Dubois (2010), the author who made the connection with the semiotics of Charles Sanders Peirce (1977), a philosopher to whom we report. As a result, our work was proposed and carried out the representation of social networks through Sociogram matrix, in addition to documentary representation of the material covered, as proposed by the Information Science, from then to the documentary research and mapping of the configurations formed concept used by Norbert Elias (1994) and represented in the photographic record.

Keywords: imagery information; photographs; representation of the information; José Simeão Leal

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2008 foi marcado pelo centenário de nascimento do editor público paraibano José Simeão Leal. Entretanto, para muitos, ele ainda é um mero desconhecido e sua vida aparenta estar encoberta pelo véu do esquecimento e sua memória evanescendo.

Nascido na cidade de Areia, José Simeão Leal (JSL) teve amplo acesso ao mundo da política e intelectualidade brasileiras, entre as décadas de 1940 e 1960. Professor do Liceu Paraibano e funcionário de alguns órgãos da administração estadual no início de carreira, Simeão Leal projetou-se como divulgador da cultura nacional ao assumir a função de Diretor do Serviço de Documentação (SD) do então Ministério da Educação e Saúde (MES/MEC). Durante sua permanência nesta função, foi responsável pela edição de periódicos de caráter científico-literário de grande destaque no país: a *Revista Cultura* e os *Cadernos de Cultura*. Através desses veículos de informação, acabou por divulgar o trabalho de dezenas de artistas e intelectuais no cenário nacional e no exterior.

Permanecendo na direção do SD por mais de 20 anos, atravessou diversos períodos presidenciais, sendo representante do Brasil no exterior por diversas vezes e Adido Cultural no Chile em pleno regime militar. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e diretor da Escola de Comunicação (ECO/UFRJ). Participou de conselhos deliberativos dos principais museus de arte do Rio de Janeiro. No seu estado natal, realizou pesquisas na área de cultura popular e fez parte da Comissão Nacional de Folclore, instância vinculada a UNESCO. Ao fim de sua vida, passou a dedicar-se à atividade de artista plástico, paixão que cultivou por longos anos em sua vida privada, realizando exposições no Brasil e na Europa (OLIVEIRA, 2009).

Como todo arquivo privado pessoal, seu acervo documental reflete essa pluralidade de papéis desempenhados por ele. No processo de organização foi identificada grande diversidade de suportes de informação, entre os quais foram catalogados 842 registros fotográficos, sendo 754 fotografias em suporte papel, 5 diapositivos e 82 negativos e uma fotografia polaróide, produzidos entre as décadas de 1920 e 1980. Esse foi nosso objeto de análise.

A pesquisa que deu origem ao presente artigo teve como objetivo principal o mapeamento das redes humanas de relações que se formaram em torno de José Simeão Leal, a partir dos registros fotográficos que compõe o Acervo José Simeão Leal (AJSL), ampliando a análise de redes de sociabilidade para o universo imagético.

Tivemos como referencial teórico sobre memória, entre outros, Paul Ricoeur (2007); sobre informação imagética nos baseamos nas considerações de Jacques Aumont (2010) e em Zeman (1970); sobre redes de sociabilidades tivemos como conceito estruturante a noção de “teia humana de relações”, como proposto por Norbert Elias; sobre fotografia dialogamos, entre outros, com Phillipe Dubois (2010), autor que faz a conexão com a semiótica de Charles Sanders Peirce (1977), filósofo ao qual nos reportamos. Como resultado desse esforço e luta contra o esquecimento, realizamos a representação das redes de sociabilidade através de Sociograma em forma de matriz e foi produzimos um catálogo com os registros fotográficos¹.

A pesquisa documental foi fundamental para compor o quadro geral com momentos da vida pessoal e profissional de José Simeão Leal, fazendo a conexão com o registro fotográfico preservado em seu acervo. Através dela foi possível observar e delinear inúmeras narrativas, em certo momento diacrônicas em outros momentos sincrônicas, e conseguir delinear as redes humanas de relações.

2 OFUSCAMENTO VERSUS VISIBILIDADE DAS IMAGENS NO OCIDENTE

É longa e complexa a história dos usos das imagens no Ocidente. Até a Idade Média, as imagens tinham predominância nos registros humanos, contudo, o desenvolvimento da prensa no Ocidente, o crescimento da produção de livros e materiais bibliográficos a partir do século XV e o nascimento de uma cultura baseada na escrita trouxeram mudanças na relação das imagens com o conhecimento, mas não as fizeram perder sua função de comunicação, afinal, a imagem sempre foi um meio de informação e conhecimento do mundo.

Segundo Santaella (2007), o predomínio da informação textual teria dado origem a um esquecimento ou ofuscamento das múltiplas possibilidades e maneiras de comunicação humana:

[...] nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir, e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem (SANTAELLA, 2007, p.10).

¹ O catálogo de fotografias citado compõe o segundo volume da dissertação de Barros (2012), defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB).

Após esse esquecimento ou ofuscamento, a imagem voltou, no século XIX, a ter a importância que teve desde o surgimento da espécie humana. Fazemos referência, aqui, à invenção da fotografia como um dos fatores responsáveis pela produção de imagens em larga escala que levou a uma modificação de seus usos. Nesse sentido, Freund (2008) afirma que, desde sua criação, a fotografia promoveu uma nova forma de percepção visual do mundo, teve sua parcela de responsabilidade pela multiplicação das imagens com o desenvolvimento de novas tecnologias, ajudou o homem a descobrir novos mundos (os mundos até então mal conhecidos pela sociedade burguesa) e foi o ponto de partida dos *mass media*.

A expressão *Sociedade da Imagem* surgiu no século XX para caracterizar a sociedade ocidental contemporânea onde a imagem passou a ser onipresente na vida cotidiana, na arte, na medicina, na ciência, assim como em todos os campos do conhecimento. De acordo com Parente (1996), o desenvolvimento de novos dispositivos tecnológicos utilizados na criação e manipulação da imagem, a hipermídiação e o hibridismo dos meios de comunicação que misturam textos, sons e imagens são características dessa sociedade.

Compreendemos que processos contraditórios estão se desenvolvendo na contemporaneidade quando vemos a banalização da imagem – assim como qualquer produto da indústria, as imagens são descartadas, alteradas naquilo que as tornam originais, acumuladas e esquecidas – ao mesmo tempo em que algo de eterno permanece, algo que as tornam objeto de culto.

É tentador concordar com Sontag (2006) quando afirma que, a partir de meados do século XIX, um processo de sacralização das imagens estava em andamento, era o retorno ao modo de pensar semelhante aos dos membros das sociedades não ocidentais chamadas no início do século XX de ‘sociedades primitivas’, que não distinguiam a imagem da coisa real e se espantavam diante da desconhecida imagem fotográfica. Para a autora, era o retorno daquela magia primitiva que se expressa, por exemplo, “na nossa relutância a rasgar ou jogar fora a foto de uma pessoa amada, sobretudo quando morta ou distante” (SONTAG, 2006, p. 177).

Foi a partir deste ‘algo que permanece’, com a relutância em descartar as memórias de José Simeão Leal que se materializaram em seu conjunto de imagens fotográficas que compõe seu acervo, que desenvolvemos nossa pesquisa.

Diversos autores apontam a renovação do interesse das Ciências Sociais pelas imagens fotográficas nas últimas décadas do século XX e a classificam como momento da “virada pictórica” ou de ‘emergência’ das imagens nas ciências sociais (LEITE, 2000; BURKE, 2004; KOURY, 2010). Segundo Bogdan e Biklen (1994), há muitas maneiras de compreender e

utilizar fotografias nas pesquisas sociais: 1) fotografia como testemunha, como prova do que não está mais lá; 2) fotografia como ilustração; 3) fotografia como fonte de informações factuais; 4) fotografia como suporte da memória; 5) fotografia como meio de estabelecer relações entre pessoas; 6) fotografia como meio de conhecer a forma como os sujeitos vêem o mundo; 7) fotografia como produto e produtora de cultura.

Segundo Lara (2010), a Ciência da Informação caracteriza a fotografia como documento imagético e, como tal, aborda-a sob duas perspectivas, a primeira se refere à finalidade de mediação da área: documentos primários são representados em documentos secundários, que os substituem e promovem a disseminação das informações. Na segunda abordagem, “os documentos constituem objeto de análise crítica, como expressão, por exemplo, de fenômenos sociais, de memória” (LARA, 2010, p. 36).

Em nossa análise, não desprezamos nenhuma das abordagens em detrimento de outra por entender que estávamos diante da iminência do esquecimento, portanto, nossa pesquisa teve como resultado a constituição de um produto de informação que se materializou no catálogo das imagens fotográficas e na dissertação, a partir da qual apresentamos este artigo.

3 INFORMAÇÃO IMAGÉTICA, FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

Refletindo sobre a fotografia como documento e suporte de informação, partimos para a discussão desse conceito de informação como destacado por Zeman (1970). A palavra informação tem origem em *formatio*, que nos remete a in-formar, dar forma, e mantém o sentido de dar forma à matéria para comunicar algo ao homem. Para Zeman (1970), *formatio*, entre outras coisas, dá a entender que informação é aquilo que representa, aquilo que apresenta, aquilo que cria uma idéia ou noção na mente dos indivíduos. Nela estão relacionados o tempo (momento), o espaço (lugar) e o movimento (busca por novas informações) (DIEHL, 2002); é organizada (produto) e organizante (processo).

Segundo Aumont (2010), a percepção da informação imagética depende da redundância (ZEMAN, 1970) e se diferencia da percepção de qualquer outro tipo de informação pelos elementos de composição.

Em uma figura visual, a redundância provém de uma zona de cor ou de luminosidade homogênea, sem ruptura, ou de um contorno de direção mais ou menos constante etc. Outras redundâncias são introduzidas pelas grandes regularidades de estrutura, em essência a simetria, mas também o respeito das leis gestaltistas (e de modo geral todo critério de *invariância*). As partes não redundantes são as partes incertas, não previsíveis, em geral concentradas ao longo dos contornos, e sobretudo nos locais onde a direção varia muito depressa. É para esses pontos que se dirige preferencialmente a atenção do espectador quando lhe é

formulada uma questão de tipo ‘informativo’ (por exemplo, se lhe for pedido que memorize ou que recopie uma figura) (AUMONT, 2010, p. 71-72).

O que ocorre são processos cognitivos que se dão a partir da percepção de índices ou pontos de referência visuais, como forma, proporção, cor, ângulos, bidimensionalidade ou tridimensionalidade, perspectiva, além de envolver processos complexos de evocação e interpretação, afinal, “na memória encontra-se a informação potencial que é atualizada por meio de certos processos fisiológicos, na consciência” (ZEMAN, 1970, p. 162).

Do estudo da teoria da percepção peirceana, concluímos que a informação imagética é o produto mental de nossa percepção (SANTAELLA, 1998). A percepção em nosso trabalho se dá no âmbito da percepção da representação fotográfica. Como algo que representa, a fotografia é uma representação do passado e, como tal, é suporte de memória.

Ontologicamente, a função de qualquer imagem é estabelecer uma relação entre o homem e o mundo. Para Aumont (2010), as imagens exerciam essa função de três maneiras: de modo simbólico, de modo epistêmico e de modo estético. Dessas três, nos interessa particularmente o modo epistêmico, essa é a função geral de *conhecimento* e, através dela, pressupõe-se que “a imagem traz informações (visuais) sobre o mundo, que pode assim ser conhecido, inclusive em alguns aspectos não visuais” (AUMONT, 2010, p. 80). Em outras palavras, toda fotografia documenta algo. Entretanto, deixemos claro de início que esse conhecimento sobre o mundo é socialmente codificado.

Mais recentemente, observamos o retorno do ‘referente’ às discussões. O ponto de vista mais significativa sobre esse retorno é o de Barthes (1984) que reforça uma conexão entre o objeto fotografado (referente) com sua representação, que prova que um dia esse referente existiu. A fotografia passou, então, a servir de testemunho sobre o passado.

Algo que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. [...] Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem (SONTAG, 2004, p. 16).

Levando em consideração os diversos discursos sobre a fotografia (DUBOIS, 2010), definimos três características que guiaram nossas análises: 1) toda imagem fotográfica testemunha algo que aconteceu, documenta o passado e é suporte de memória; 2) mesmo acreditando na possibilidade de testemunha o passado, não podemos ser ingênuos sobre a forma como ela realiza essa função, há códigos de representação que estão presentes mesmo na gênese da imagem fotográfica, sejam códigos definidos por uma ideologia ou códigos culturais compartilhados por determinado grupo; 3) nunca teremos a configuração total do

que foi representado nas imagens fotográfica, encontraremos apenas vestígios e marcas do passado deixadas pelo aparelho fotográfico.

A discussão sobre imagem e memória nos remete ao pensamento grego. A referência aos filósofos clássicos é fundamental na medida em que herdamos dos gregos “dois *topoi* rivais e complementares, um platônico, o outro aristotélico. O primeiro, centrado no tema da *eikon*, fala de representação presente de uma coisa ausente; (...) O segundo, centrado no tema da representação de uma coisa anteriormente percebida, adquirida ou aprendida” (RICOEUR, 2007, p. 27). Por *eikon*, os gregos entendiam a imagem mental que era a substância essencial da memória, portanto, não haveria memória sem imagens.

É no pensamento de Aristóteles que encontramos a ligação entre a memória e o passado. Na obra *De memoria et reminiscencia* está dito que “a memória é do passado” (apud RICOEUR, 2007). Portanto, a afirmação de Ricoeur (2007, p. 40), “[...] para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela”, é favorável a discussão que empreendemos em nosso trabalho. É essa capacidade de trazer ao presente algo do passado que dar à memória a condição de conhecimento sobre esse passado.

Duas das características da memória, como a entendemos no presente, necessitam ser destacadas: ela é seletiva e só permite que o indivíduo rememore parte do que passou; por outro lado, a rememoração não é imparcial ou fiel ao que aconteceu pois entendemos que, na ação de rememorar, ocorre um processo de resignificação do passado a partir de fragmentos, em outras palavras, nosso conhecimento sobre o passado é parcial ao encontramos apenas vestígios dele.

Paul Ricoeur (2007) discute alguns conceitos fundamentais para compreendemos a memória em sua perspectiva fenomenológica. Nesta perspectiva, o autor dedica-se a conceitos que não se opõem, mas se complementam como é o caso de evocação e recordação, rememoração e memorização, memória e esquecimento. Primeiramente, Ricoeur (2007, p. 45) entende por evocação “[...] o aparecimento atual de uma lembrança. É a esta que Aristóteles destinava o termo *mneme*, designando *anamnesis* o que chamaremos mais adiante, de busca ou recordação”. Evocação se distingue da recordação pelo esforço de memória que a recordação exige, por isso, diz-se que a evocação é semelhante a uma afecção, advém sem muito esforço, enquanto a recordação é uma busca.

Outros conceitos complementares, rememoração e memorização, são definidos da seguinte forma:

Com a rememoração, enfatiza-se o retorno à consciência despertada de um acontecimento reconhecido como tendo ocorrido antes do momento em que esta declara tê-lo sentido, percebido, sabido.

A memorização, em contrapartida, consiste em maneiras de aprender que encerram saberes, habilidades, poder-efetuação, de tal modo que estes sejam fixados, que permaneçam disponíveis para efetuação, marcada do ponto de vista fenomenológico por um sentimento de facilidade, de desembaraço, de espontaneidade (...) trata-se de uma economia de esforços, ficando o sujeito dispensado de aprender novamente para efetuar uma tarefa adequada a circunstâncias definidas (RICOEUR, 2007, p. 73).

O conceito de memorização nos remete a habilidade de recordar e repetir mecanicamente algo e se associa a *Ars memoriae* que consiste no uso de técnicas de recitação das lições aprendidas, com uma longa tradição na história do Ocidente (YATES, 2007).

De acordo com Ricoeur (2006), a memória é uma capacidade e essa capacidade está ligada a uma série de processos que envolvem também o esquecimento. O autor discorre sobre o esquecimento em três níveis: no primeiro nível, o patológico-terapêutico, o esquecimento é entendido como um meio de superação de grandes traumas coletivos e tratamento de “feridas simbólicas que pedem uma cura” (RICOEUR, 2006, p. 92) e mancham a história da humanidade, exemplificado pelo autor através da história da violência e do Holocausto.

No segundo nível, o nível prático, a memória e o esquecimento são manipulados pelos detentores do poder, neste caso, Ricoeur fala em memória instrumentalizada. O excesso de memória em uma parte do mundo e a insuficiência de memória em outro são sintomas desse abuso. No caso do excesso ocorre o abuso de memória, no caso da insuficiência, ocorre o abuso do esquecimento. Interferindo nesse jogo de lembrar e esquecer, a ideologia torna-se um fator relevante na medida em que é dissimulada e exerce efeitos sobre a compreensão do mundo: “distorção da realidade, de legitimação do sistema de poder, de integração do mundo comum por meio de sistemas simbólicos imanentes à ação” (RICOEUR, 2006, p. 95).

No processo de manipulação da memória entra em ação não apenas as ideologias, mas também as narrativas sobre os indivíduos. É através da narrativa que as identidades são modeladas e se seleciona o que vai ser lembrado e o que vai ser esquecido. A história, assim, se torna uma história autorizada pelo poder e mecanismo de justificação desse poder. Nesse nível, ocorre um pacto entre rememoração, memorização e comemoração, sendo institucionalizada *uma* memória.

No terceiro nível, o nível ético-político, a memória é obrigada. O uso da expressão ‘obrigada’ reflete o dever de fazer justiça aos esquecidos, fazer justiça às vítimas da memória manipulada e, neste sentido, o trabalho que se propõe é saldar uma dívida com esses esquecidos.

O esquecimento e a luta contra o qual desejamos dar destaque podem ser percebidos através das vicissitudes enfrentadas pelo Acervo José Simeão Leal (AJSL), doado pela esposa desse editor público paraibano no ano de 1996. No momento em que o acervo de JSL chegou à Paraíba despertou interesses contraditórios. O AJSL foi tombado pelo órgão responsável pela preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado – Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico do Estado da Paraíba (IPHAEP) –, entretanto, não foram definidas políticas públicas efetivas que garantissem sua preservação e a disseminação das informações que contem (OLIVEIRA, 2009).

Logo após a chegada a João Pessoa, o acervo foi dividido, uma parte foi alocada na Fundação José Américo, depois transferido para o Hotel Globo. O conjunto de livros que fazia parte do acervo foi transferido para a Biblioteca Pública do Estado da Paraíba, momento em que as fichas catalográficas e todo o trabalho da bibliotecária contratada foram perdidos, já que o acervo bibliográfico foi integrado ao acervo da Biblioteca Pública quebrando, assim, o princípio da proveniência (OLIVEIRA, 2009).

Parte do acervo artístico, especialmente as peças em ferro, foi encaminhada a Galeria Archidy Picado, outra parte foi recolhida ao Museu Assis Chateaubriant, em Campina Grande. As obras de autoria de José Simeão Leal foram mantidas na Biblioteca do Estado, enquanto os documentos em papel, fotografias, gravações e objetos pessoais foram transferidos para o Casarão de Azulejos no Centro Histórico de João Pessoa, local onde funcionava a Subsecretaria de Cultura do Estado.

Depois dessa estadia temporária na Subsecretaria de Cultura do Estado, essa parte do acervo foi novamente transferida, agora para o IPHAEP onde permaneceu até o ano de 2009, sendo depois transferida para o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal da Paraíba (NDIHR/UFPB), onde permanece até o presente momento. A necessidade de transferência do IPHAEP para o NDIHR ocorreu em decorrência da mudança de governador do Estado e incerteza no destino que seria dado ao acervo.

A transferência ocorreu, mais uma vez, de forma improvisada. Foram utilizadas caixas de papelão comuns conseguidas em supermercados da cidade, veículos oficiais emprestados de outros órgãos e veículos particulares, contando com a mão-de-obra da equipe de limpeza do IPHAEP, servidores estaduais, estagiários e voluntários.

Chegando ao NDIHR, o acervo documental, a biblioteca pessoal e parte das obras de arte que constituem o AJSL foram reunidas em um mesmo local, infelizmente, a reunião desse material e sua permanência em um Núcleo de Documentação pertencente a um órgão federal, criado como o objetivo de desenvolver pesquisas e que atuou durante muitos anos na

preservação de acervos documentais no Estado, não modificou a situação. Há cinco anos, a contratação de estagiários, de auxiliares de pesquisa e a compra de materiais para a limpeza, acondicionamento e ordenação da documentação são realizados com recursos financeiros doados por professores, pesquisadores, arquivistas e estudantes da Universidade Federal da Paraíba. Durante esse tempo, o Estado manifestou interesse em oferecer condições adequadas à conservação desse acervo, mas não realizou ação prática para que isso ocorresse. Até o presente, o acervo permanece sob a guarda legal de uma professora da UFPB que tem financiado com recursos pessoais a sua conservação.

Entretanto, essa situação que descrevemos não foi empecilho para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas realizadas à medida que a documentação era organizada, em vários casos, pelos próprios pesquisadores. Foram produzidos até o momento Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação (DUTRA, 2004), dissertações de Mestrado (DUARTE, 2001; BARROS, 2012) e tese de Doutorado (OLIVEIRA, 2009), sem contar os inúmeros artigos publicados em periódicos científicos e não científicos, anais de eventos, palestras e exposições de arte.

4 JOSÉ SIMEÃO LEAL E SUA REDE HUMANA DE RELAÇÕES

Não era nosso objetivo realizar uma biografia ou fotobiografia de José Simeão Leal, era ampliar a compreensão das redes de sociabilidade das quais José Simeão Leal fez parte. Para isso, estruturamos nossa pesquisa no pensamento do filósofo e sociólogo alemão Norbert Elias. Inicialmente, contextualizamos o conceito de ‘Rede de Sociabilidade’ a partir do sentido de sociabilidade dando por Georg Simmel e da sua utilização pela História intelectual e os Estudos Literários. A história dos intelectuais, por exemplo, se utiliza do termo ‘rede’ para “definir os vínculos que reúnem o ‘pequeno mundo’ intelectual” (GOMES, 1993, p. 64) e os estudos literários desenvolvem pesquisas sobre os intelectuais e literatos e suas redes de relacionamento.

Segundo Frúgoli Junior (2007, p. 9), em sua essência, sociabilidade significa “um complexo de indivíduos socializados, uma rede empírica de relações humanas operativa num dado tempo e espaço”. Portanto, compreendemos que o uso dos termos ‘redes humanas de relações’ e ‘redes de sociabilidades’ não se contradizem, ambos tem seu fundamento na mais elementar característica do ser humano: sua natureza social.

O pensamento de Norbert Elias se estrutura em uma perspectiva da macrosociológica ou macro-histórica. Elias se deteve no estudo de fenômenos de grande amplitude dentro da

sociedade de Estado, que envolveram coerções e autocoerções internalizadas pelos indivíduos, processo de internalização denominado por Elias de *habitus*.

A obra *O processo civilizador* (1995) é nosso ponto de partida para compreendermos a concepção de indivíduo de Norbert Elias. A questão de fundo posta pelo autor é a maneira como um conjunto de indivíduos isolados deixa de ser apenas isso, indivíduos isolados, e torna-se uma sociedade. Para o autor, “a ideia de indivíduos decidindo, agindo, e ‘existindo’ com absoluta independência um do outro é um produto artificial do homem” (ELIAS, 1995, p. 248). É recorrente a ideia dos indivíduos inseridos em um fluxo que é entendido como a história da sociedade e não determinada por indivíduos isolados, nem determinado de forma consciente. Como afirma Elias (1994, p. 26-27), “todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele” e parte do princípio de que os indivíduos ao nascer se integram ao fluxo contínuo que caracteriza a sociedade na qual “cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por **laços** invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos” (ELIAS, 1994, p. 26-27) [grifo nosso].

Outro aspecto do pensamento de Elias, também destacado por Ricoeur (2007), é a **interdependência** entre indivíduos e nos conecta a outro conceito útil para a descrição das redes humanas e nos permite ultrapassar a divisão indivíduo/sociedade: **configuração**.

Configuração é entendida como uma pluralidade móvel com indivíduos interdependentes, como parceiros em uma dança de salão. De acordo com essa concepção, família, escola, indústria, estado, universidade, cidade e inúmeras instituições, também podem ser compreendidas como configurações. Sem essa relação de interdependência não há dança, ou seja, não há Estado, partido político, família, etc.

Por esses exemplos de configurações, o autor sugere que há grandes configurações, como uma sociedade, e pequenas configurações, como uma família. Segundo Silva (2002, p. 124), no pensamento relacional de Elias “o mundo social é assim pensado como um tecido de relações. Por exemplo, quatro pessoas sentadas em torno de uma mesa para jogar cartas formam uma configuração. Seus atos são assim interdependentes”. Como exemplificado pela citação acima, Elias utiliza um modelo de jogos para explicar a interdependência entre indivíduos, o estado de equilíbrio necessário para essa interdependência se manter e a distribuição de poder.

A questão dos **lugares** também é discutida por Elias, de acordo com ele, cada indivíduo nasce e cresce em determinado ponto de uma teia humana, pertence a determinado

lugar e, por causa disso, tem uma maior ou menor gama de opções de funções a exercer e comportamentos a adotar.

O conceito de **função** é relevante quando se entende a sociedade pela perspectiva da macro-análise, pois formaríamos em sociedade interconexões funcionais “relativamente autônomas e até certo ponto como relações auto-reguladas, não guiadas por objetivos ou intenções e não se esforçando por alcançar metas fixadas pelos valores correntes” (ELIAS, 2008, p. 63). Quando se busca a descrição dessas funções, Elias apresenta uma lista delas – dona-de-casa, amigo e pai – e de **atividades** – balconistas, faxineiros, damas da sociedade, banqueiros, policiais, especuladores, batedores de carteira, mulheres do prazer. Acima de tudo, são funções interdependentes, umas só existem na relação com as outras, “cada uma dessas funções está relacionada com terceiros, depende das funções deles tanto quanto estes dependem dela” (ELIAS, 1994, p.23).

Então, é sugerido um novo modelo para entendermos a interdependência. A figura 1, é o modelo proposto pelo autor para a representação da interação entre indivíduos.

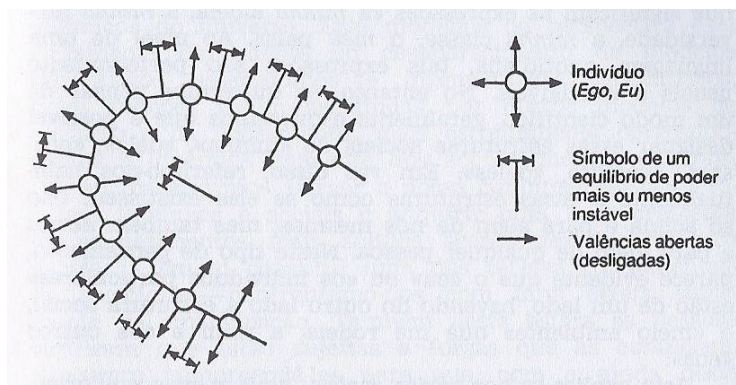


FIGURA 1 – Modelo de Relações entre indivíduos proposto por Norbert Elias.
FONTE: ELIAS, 2008, p. 15.

Nesta figura, os elementos fundamentais que constituem os indivíduos nos processos de interação são três: um núcleo interior essencial que ele denomina *Ego* ou *Eu*; o equilíbrio entre indivíduos que envolve relações de poder; e a ideia de valências que introduz a concepção de indivíduos ‘abertos’ e permite a investigação da dinâmica das mudanças sociais.

O conceito de equilíbrio é interessante para a compreensão dos modelos de jogos que ele propôs, segundo o autor, entram em disputa dois ou mais indivíduos que medem suas forças, essa seria a situação inicial. É necessário ter em mente que o equilíbrio de poder “constitui um elemento integral de todas as relações humanas” (ELIAS, 2008, p. 80), afinal, o

poder é um elemento presente em todas as relações humanas. A distribuição desse poder determina a configuração das redes humanas de relações, portanto, quando ocorre a mudança em sua distribuição ocorre mudança na rede de relações.

São as **valências** que unem os indivíduos e os orientam para o *Outro*, nos permitindo caracterizá-los como ‘indivíduos abertos’. Essa concepção de indivíduos abertos tornou-se atual no contexto da discussão sobre identidade na contemporaneidade (HALL, 2006). Como nos diz Vianna (2005), no mundo contemporâneo, destaca-se um modelo de ser humano como ‘personalidade aberta’. O sentido de indivíduo global está presente em sua obra, inclusive quando sustenta que os indivíduos não podem ser compartimentados e classificados em categorias.

Segundo Elias (2008), cada indivíduo constitui-se de inúmeras valências que se direcionam para o outro, valências sexuais, emocionais, de afeição e de desapego. Além desses tipos de ligações, há ligações simbólicas e indiretas exemplificadas da seguinte forma: “simultaneamente com ligações interpessoais, encontrar-se-ão ligações unindo as pessoas a símbolos de unidades maiores, unindo-as, por exemplo, a cotas de armas, a bandeiras e a conceitos carregados de aspectos emotivos” (p. 150-151). Quanto maiores as sociedades e as redes humanas de relações, maior o número de valências.

Dizemos que a valência está desligada quando elas estão “procurando pessoas com quem possam estabelecer articulações e relações” (ELIAS, 2008, p. 148). A valência pode ser desfeita, por exemplo, com a morte do ser amado. O evento (a morte como destruição da valência que existia até então), tem como resultado a mudança da configuração e de todas as valências do indivíduo sobrevivente, portanto, muda o equilíbrio de toda a rede de relações pessoais. Um reflexo dessa mudança é o reposicionamento dos indivíduos na rede: quem se encontrava em posição marginal ou estava muito próximo ao poder tem sua posição alterada.

Tendo como pressuposto que as relações e configurações que os indivíduos mantêm ao longo da vida são feitas e desfeitas com o tempo e que qualquer mudança na estrutura social interfere nos posicionamentos dos indivíduos nessas configurações, determinamos referências espaço-temporais e correlacionamos cada uma dessas referências as funções que José Simeão Leal desempenhava, como podemos ser no quadro 1.

Nº	REFERÊNCIA ESPAÇO-TEMPORAL	FUNÇÃO
1	Recife / Rio de Janeiro; 1928 - 1933	Estudante de Medicina;

2	Rio de Janeiro / João Pessoa; 1933- [?]	Médico;
3	João Pessoa; 1938 – 1943 [?]	Policial-médico;
4	João Pessoa; 1940 – 1943	Chefe do Serviço de Recenseamento da Paraíba;
5	João Pessoa; 1940 – 1943	Pesquisador – Inquérito alimentar na Paraíba;
6	João Pessoa; 1940 – 1943	Pesquisador de Cultura Popular na Paraíba;
7	João Pessoa; 1941- 1944	Diversos cargos de diretor no Departamento de Serviço Público da Paraíba (DASP);
8	Rio de Janeiro; 1947 - 1965	Diretor do Serviço de Documentação do MES/MEC;
9	Rio de Janeiro; 1949 – [?]	Membro de comissões do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro;
10	Rio de Janeiro; [?]	Diretor da Escola de Comunicação da UFRJ;
11	Rio de Janeiro; 1949, 1950	Comissário Coordenador de Exposição das Bienais de São Paulo;
12	Rio de Janeiro; 1953, 1954, 1955	Professor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil;
13	Rio de Janeiro; 1958	Membro da Comissão Nacional de Folclore (CNFL);
14	Rio de Janeiro; 1958	Aluno da Escola Superior de Guerra (ESG)
15	Rio de Janeiro; 1961	Membro da Associação Internacional de Crítico de Arte;
16	Rio de Janeiro; 1976	Presidente da Associação Brasileira de Crítico de Arte;
17	Rio de Janeiro; 1961	Membro do Conselho Técnico do Museu Nacional de Belas Artes;
18	Paris e Nova Deli e Paris; 1951, 1956 e 1960	Representante do Brasil no exterior – Conferências da UNESCO;
19	Santiago do Chile; 1965-1967	Adido Cultural do Brasil no Chile;
20	Veneza; 1950	Representante do Brasil na XXV Bienal de Veneza;
21	Rio de Janeiro; década de 1950 a 1990	Artista-Plástico;
22	Rio de Janeiro; 1971 – 1979	Diretor da Escola de Comunicação da UFRJ;
23	Rio de Janeiro; 1969	Professor da Faculdade de Letras da UFRJ;
24	Rio de Janeiro; 1979	Diretor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

QUADRO 1 – Funções exercidas por José Simeão Leal.

FONTE: BARROS, 2012.

Tendo delineado os aspectos teóricos relevantes do pensamento de Elias, foram escolhidos como conceitos instrumentais em nossa pesquisa os conceitos de **configuração** e **valência**. Devido ao estágio de organização do acervo fotográfico², para a descrição das

² Ao inicial nossa pesquisa, as fotografias se encontravam misturadas entre os documentos em papel, acondicionadas em caixas de papelão, aparentemente, nenhuma delas pertenciam a qualquer tipo de álbum, além de significativo número delas serem fotografias ‘avulsas’ (sem conexão com outras imagens do mesmo acervo)

configurações que poderiam ser observadas nas imagens fotográficas foi necessário a identificação de narrativas. A percepção de narrativas é essencial na medida em que são elas que “articulam as lembranças no plural e a memória no singular” (RICOEUR, 2007, p. 108). Concordamos com Mendonça (2006) quando afirma que toda fotografia é uma narrativa, dessa narrativa participam, por exemplo, o indivíduo representado, os gestos e atividades que esse indivíduo faz na representação, o contexto espacial no qual ele se localiza e é representado na imagem, os atributos de cores e ângulos escolhidos na composição, a moldura que se dá a imagem, os elementos de fundo, a sequência de imagens que a precedem e a seguem, o veículo de comunicação que a veicula etc. Todos esses elementos constroem uma significação e, dependendo do veículo que a dissemina, recebe a aprovação – a ela é atribuída a verdade – ou a rejeição – ela é interpretada como mentira.

Durante identificação de narrativas, e de acordo com as correlações realizadas entre referências espaço-temporais e funções, foram definidas 24 configurações (quadro 2).

Nº	CONFIGURAÇÃO
1	Família
2	Alunos do Lyceu Paraibano
3	Calouros da Faculdade de Medicina do Recife
4	Hóspedes de pensão para estudante
5	Companheiros de vida boêmia em Recife
6	Alunos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
7	Companheiros de juventude no Rio de Janeiro
8	Colegas de serviço burocrático na Paraíba
9	Pesquisadores de cultura popular
10	Pesquisadores sobre alimentação no Nordeste
11	Colaboradores do Serviço de Documentação
12	Editados e editor
13	Participantes de eventos sociais
14	Escritores e Intelectuais
15	Artísticas
16	Alunos e professores da UFRJ
17	Alunos da Escola Superior de Guerra (ESG)
18	Representante do Brasil na Índia
19	Representante do Brasil na França
20	Relação artista plástico/ visitante
21	Docência
22	Comissão Nacional de Folclore
23	Companheiros de visita ao Japão

ou anônimas, “sem autor declarado, local e data, onde a própria identificação do que é relatado já é difícil” (LEITE, 2000, p. 85).

24	Relações diplomáticas
----	-----------------------

QUADRO 2 – Configurações identificadas a partir do acervo fotográfico.

FONTE: BARROS, 2012.

Definidas as configurações, passamos a descrição das valências. Nesta etapa da pesquisa nos debruçamos sobre as imagens, fontes primárias e secundárias – a documentação que compõe o Acervo José Simeão Leal, material bibliográfico, literatura cinzenta, acervos on-line – que nos permitisse contextualizar as imagens e identificar o referente. A identificação dos referentes nos permitiu traçar o sociograma em forma de matriz representado pela figura 2.

Nome (↔ Simeão Leal)	JOSE SIMEAO LEAL																							
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
[?] Fonseca,	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Adalberto de Castro	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aderbal Jurema	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Afonso Eduardo Reidy	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Afrânio Coutinho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Agostinho Olavo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alexander Calder	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alfredo Simeão dos Santos Leal	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alvaro Cotrim (Alvares)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Antonio Callado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Augusto Rodrigues	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Carlos Chagas	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Celso Ferreira da Cunha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

FIGURA 2 – Modelo de Sociograma em forma de matriz.

FONTE: BARROS, 2012.

Através do sociograma, visualizamos os indivíduos que faziam parte de uma rede de sociabilidade e em quais configurações se configuraram as valências. No último estágio da pesquisa, foram identificadas relações entre José Simeão Leal com os indivíduos (↔ Simeão Leal) mostradas no quadro 3.

VALÊNCIAS (↔ Simeão Leal)	
Adalberto de Castro	José Lins do Rego
Aderbal Jurema	José Roberto Assumpção Araújo
Afonso Eduardo Reidy	José Roberto Teixeira Leite
Afrânio Coutinho	Lúcia Leal Cordeiro
Agostinho Olavo	Luís da Câmara Cascudo
Alexander Calder	Luis Jardim

Alfredo Simeão dos Santos Leal	Luis Valmir Duarte [?]
Álvaro Cotrim (Alvarus)	Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho
Antonio Callado	Maria Custódia
Augusto Rodrigues	Maria da Saudade Cortesão
Carlos Chagas	Maria das Neves Leal (Nevy)
Celso Ferreira da Cunha	Maria de Almeida Leal (Maroquinhas)
Clemente Mariani	Maria Leontina da Costa
Deolindo Augusto de Nunes Couto	Mariano [?]
Dinah Silveira de Queiroz	Mark Berkowitz
Edija Fonseca	Milton daCosta
Eloah Drummond Leal	Mirabel
Eurico Gaspar Dutra	Moziul Moreira Lima
Fernando Tude de Souza	Murilo Mendes
Francisco Luis de Almeida Salles	Paulo Mendonça
Francisco Luis de Almeida Salles	Pedro Taulois
Gastão L do Rego	Portinari
Georg Schmidt	Professor. A Porto
Herman Lima	Renato Almeida
Idelfonso [?]	Romulo Garcia
Ieda Leal Cordeiro	Rubem [?]
Ignez B. C. d'Araújo	Lúcio do Nascimento Rangel
Jader Nunes de Oliveira	Samuel Duarte
Jaime Adour da Câmara	Sergio Porto [Stanislaw Ponte Preta]
Jorge Amado	Theotônio (Théo) Brandão
José Américo de Almeida	Thomaz Santa Rosa Junior
José Brito Broca	Vera Assumpção
José Condé	

QUADRO 3 - Indivíduos que constituíram valências com José Simeão Leal

FONTE: BARROS, 2012.

A aplicação do conceito de valência através de sociograma nos possibilitou visualizar a participação dos indivíduos na rede e formando valências em mais de uma configuração, como a formada por Simeão Leal ↔ Thomaz Santa Rosa Junior, Simeão Leal ↔ José Américo de Almeida, Simeão Leal ↔ José Roberto Assumpção Araújo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como nos diz Minayo (2004, p. 25), “a pesquisa é um labor artesanal”, expressão que em muitos aspectos caracteriza nosso trabalho. Inicialmente, tivemos como objeto de análise imagens fotográfico consideradas como suporte de memória, não apenas de uma memória individual, mas suporte de memória de grupos sociais, de lugares de sociabilidade, de todos aqueles que conviveram, se relacionaram com José Simeão Leal e deixaram uma marca em sua trajetória de vida e em seu arquivo privado pessoal.

No desenrolar da pesquisa vimos que se trata de um enfrentamento contra o esquecimento, percepção que direcionou nossas escolhas por, em princípio, descrever e produzir um catálogo de fotografias e ampliar nosso conhecimento sobre a natureza das informações imagéticas com as quais nos deparamos, consequentemente, ampliando o conhecimento sobre redes de sociabilidade

Ao contrário das atuais teorias e metodologias de análise de redes sociais (ARS), que pressupõem uma proximidade maior com os indivíduos e atores da rede para que seja possível a descrição de nós e arestas no momento presente, o conceito “Teia Humana de Relações” foi relevante para nós ao nos dar segurança para observar, à uma distância temporal significativa, a inserção de José Simeão Leal nos diversos grupos sociais com os quais ele manteve alguma relação de sociabilidade, como se estivéssemos utilizando uma teleobjetiva.

Este trabalho é uma narrativa possível sobre um indivíduo que, como qualquer outro ser humano, é uma encruzilhada de muitos caminhos, um lugar de encontros e desencontros com muitos outros indivíduos, que compartilha com o outro suas experiências, vivências e memórias.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 15 ed. Campinas: Papirus, 2010.

BARROS, Kelly Cristiane Queiroz. **Rede Humana de Relações**: relações de sociabilidade a partir do acervo fotográfico de José Simeão Leal. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sári Knopp. Fotografia. In: **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994, p. 183-193.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiográfica**. Coimbra: Quarteto, 2001.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DUARTE, Patrício Araújo. **Revista Cultura**: modernidade gráfica e informacional João Pessoa. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação). Universidade Federal da Paraíba, 2001.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. 13 ed. Campinas: Papirus, 2010.

DUTRA, Cecília Alessandra Silva Rimar. **José Simeão Leal**: na tessitura da história cultural brasileira. João Pessoa. Monografia (Curso de Graduação em Biblioteconomia). Universidade Federal da Paraíba, 2004.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. **O processo civilizador**, v.1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.6, n.11, 1993, p. 62-77. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1954>. Acesso em: 30 Nov. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Relações delicadas**: ensaios em fotografia e sociedade. João Pessoa: Editora Universitária, 2010.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Documento e significação na trajetória epistemológica Ciência da Informação. In: FREITAS, Lúcia Silva de et al. **Documento**: gênese e contextos de uso. Niterói: Editora UFF, 2010. p. 33-56. (Estudos da Informação; v.1).

LEITE, Miriam L. Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. 2 ed. São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo, 2000. (coleção Texto & Arte; 9).

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Identidade e representação: as marcas do fotojornalismo na tessitura da alteridade. In: VAZ, Paulo Bernardo (Org). **Narrativas fotográficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-57.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____ (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. São Paulo: Petrópolis: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **José Simeão Leal**: escritos de uma trajetória. João Pessoa. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, 2009. (CD-ROOM).

PARENTE (Org.). **Imagem máquina**: a era das tecnologias do virtual. 2 ed. Rio de Janeiro: editora 34, 1996.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **A percepção**: uma teoria semiótica. 2 ed. São Paulo: Experimento, 1998.

_____. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

VIANNA, Alexander Martins. A atualidade teórica de Norbert Elias para as Ciências Sociais. **Revista Espaço Acadêmico**, n.49, jun. 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/049/49cvianna.htm>. Acesso em 01 Out. 2011

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ZEMAN, Jirí. Significado filosófico da noção de informação. In: **O conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p.154-179 (Série Ciência e Informação, n.2).